

**UMA MODERNIDADE DESTINADA À RUINA:
BREVE LEITURA DA OBRA POÉTICA DE KONSTANTINOS KAVÁFIS**

Heitor Victor Narciso de Oliveira (Mestrando UERJ)

Resumo: O presente artigo mostra a relevância da temática da falência na obra de Kaváfis, além de sua relação com a proposta poética do autor. Ele também apresenta, por meio do confronto da poesia de Kaváfis com a visão de modernidade em Baudelaire e Benjamin, como seu trabalho traduz a mesma percepção de inescapabilidade da derrocada. Por fim, indica a presença, no poeta, dos signos do melancólico tal como trabalhados por Susan Sontag.

Palavras-Chaves: Kaváfis; Modernidade; Falência

**A MODERNITY DESTINED TO THE RUIN: A BRIEF READING OF THE POETIC WORK
OF KONSTANTINOS KAVÁFIS**

Abstract: This paper shows the relevance of the theme of ‘ruin’ in Kavafis’ work, as well as its relation with his general poetical approach. It also clarifies how his work expresses the same perception of unavoidability of collapse advocated by Baudelaire and Benjamin in their respective interpretations of modernity. At last, the paper displays the presence of the signs of melancholy, as worked out by Sontag, in Kavafis’ texts.

Keywords: Kaváfis; Modernity; Bankruptcy

Ao olharmos de forma superficial para as religiões do ocidente que exerceram alguma influência sobre a sociedade, poderemos sempre concluir a existência da crença de que o mundo avança em direção a um final. Existe de forma natural na concepção humana, por motivos óbvios - afinal é um dos princípios do meio orgânico: tudo deve morrer - a ideia de que caminhamos sempre em direção a um fim. Com o surgimento da vida moderna, da burguesia, das grandes cidades, das máquinas e da nova dinâmica na vida das pessoas, com um movimento acelerado de uma forma nunca antes imaginada, a ideia de que caminhávamos e a passos longos para uma derradeira conclusão ganhou uma nova forma preocupante.

A literatura surgida nessa primeira fase de loucura tecnológica apresentou um verdadeiro sentimento coletivo de decadência na virada do século XIX para o século XX. A ideia de uma sociedade degenerada, contra a qual o melhor seria um golpe de misericórdia, rápido e indolor – como o sugerido por Guillotin e sua máquina para humanizar a morte – transformou sutilmente a criação poética ocidental. A Europa burguesa vivia o sentimento das grandes cidades que ganhavam proporções desastrosas com a industrialização. Baudelaire surge então como o estandarte dos que estavam atentos a essa abrupta mudança. Ele vai descrever com os olhos de quem está totalmente mergulhado na vida urbana, alguém que se

torna incapaz de olhar em outra direção por ter sua atenção totalmente e a todo o momento voltada para o excesso de coisas que o circundam na cidade moderna. Em um século no qual muitos se voltam para as explorações de tesouros, ruínas e povos perdidos, o poeta se dedica a descobrir, no sentido inicial da palavra, as mudanças ao seu redor.

Baudelaire¹ nos apresenta o tema do escritor como esgrimista, de forma intuitiva. É como se o poeta vivesse de fato essa carga que depositou nas costas da literatura. Como se notasse a si mesmo como um guerreiro, um combatente que abdica do sabre ou da espingarda para lutar empunhando a pena. Em seu estudo *Sobre a Modernidade*, o poeta e crítico evidencia, em vários momentos, a sua concepção do artista moderno.

“(…) à hora em que todos estão dormindo, ele (referindo-se ao verdadeiro artista, o que tem a capacidade de ver e exprimir) está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressando, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, **belicoso**, mas sozinho e debatendo-se consigo mesmo.”²

Mesmo que esteja se referindo a G. É evidente a relação entre o observador e o artista para Baudelaire e o pintor é tão observador quanto o escritor, ambos são belicosos, solitários, brandindo a pena em seus quartos obscuros. Para que fique mais evidente a relação, vale notar outro trecho:

“imagino que ele (O imperador) teria examinado com complacência e não sem certo enternecimento os feitos e os gestos de seus soldados, todos expressos minuciosamente, dia-a-dia, desde as ações mais extraordinárias até as tarefas mais triviais da vida, por essa mão de soldado-artista, tão firme e inteligente.”³

E ainda por fim referindo-se a si mesmo, em uma espécie de metacrítica que expressa sutilmente a autoproclamação do esgrimista: “(…) São ricas em sugestões, mas em sugestões cruéis, ásperas, que minha pena, embora acostumada a lutar com as representações plásticas, talvez só insuficientemente tenha traduzido.”⁴ Baudelaire considera a si mesmo um novo herói, um novo guerreiro que luta contra a derrocada. Que com sua virtude quase helênica brande a pena contra a ruína da sociedade moderna.

1 BAUDELAIRE, Charles, *Sobre a Modernidade*, Organização COELHO, Teixeira, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1996.

2 BAUDELAIRE, Charles, *Sobre a Modernidade*, Organização COELHO, Teixeira, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1996. P. 23 e 24. Destaque meu.

3 *Ibidem*. P. 41.

4 *Ibidem*. P. 72.

É dessa fonte que Kaváfis⁵ irá beber, usando de toda a riqueza alegórica do antigo mundo helênico, tentará mostrar e também “descobrir” a sociedade ao seu redor. Quem sabe concluir que seriam novamente, ao menos para o indivíduo fadado à falência, os bárbaros a solução? Podemos ver na poesia de Kaváfis um pouco do esgrimista de Baudelaire. Uma poesia que ataca a si mesma, que passa por um estágio de luta, de dificuldade. Uma criação que se torna valorosa pela tentativa e não necessariamente pelo êxito. Kaváfis vai ornamentar, contudo, o poeta marcial de Baudelaire em suas personagens históricas, como em *De Demétrio Sóter*. “Ah! Se ao menos estivesse na Síria” Diz lá o poeta. Retomando a antiguidade com certa amargura. “E o presente? / Desesperança e dor.”⁶ A personagem de Demétrio vai fazer os mesmos questionamentos apontados por Walter Benjamin em Baudelaire: “A modernidade se aproxima da antiguidade neste espírito caduco”⁷. O que seria esse espírito caduco? Usando a própria metáfora de Benjamin, seria a Andrômaca, mulher de Heitor de Tróia, semelhante ao herói moderno em sua “tristeza sobre o passado e a falta de esperança no porvir.”⁸

Ainda no mesmo poema, nota-se a clara tentativa de alcançar a glória perdida, a glória antiga. A tentativa heroica do esgrimista poeta de Baudelaire, que luta contra a decadência da modernidade. Usando sempre de suas figurações históricas, mantendo de certa forma suas raízes helênicas Kaváfis vai apresentar inclusive a fórmula: “É só achar um jeito de alcançar o Oriente,/ deixar atrás a Itália -/ e toda a pujança de seu interior,/ toda gana,/ contagia a população.”⁹ Mas o herói no fim, o mesmo que luta acima de tudo contra si mesmo, sabe da sua impotência. Sabe do seu martírio vão. O poeta não tem esperanças, aconteceu na antiguidade, acontecerá também agora. Não há saída, está declarada a falência da sociedade. Kaváfis, em sintonia com a literatura contemporânea sua, produzida na Europa, encerra seu poema de forma melancólica e inequívoca:

A mocidade romana tinha razão.
As dinastias que a Tomada macedônica propiciou,
era improvável que perpetuassem.

Dava no mesmo: fez o que pode,

5 Kaváfis é um poeta grego nascido em Alexandria, em 1863. Viveu por sete anos na Inglaterra durante a infância, o que o levou a absorver parte da sensibilidade poética ocidental. Céptico e homossexual, viveu uma vida de limitações financeiras, levantou sempre um discurso de crítica ao cristianismo e demonstrava postura de grande patriotismo. Morreu na mesma cidade em que nasceu, em 1933, em razão de um câncer de laringe.

6 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 105.

7 BENJAMIN, Walter, *A Modernidade e os Modernos*, Tradução: SILVA, Heidrun Krieger Mendes da; BRITO, Arlete de e JATOBÁ, Tânia - Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000. P. 17.

8 *Ibidem*.

9 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 105.

deu tudo de si.
E, no negrume da inanição,
bate na mesma tecla,
ativo: fracassou,
mas o mundo ainda vislumbra sua inarrestável bravura.¹⁰

Ainda em sua análise sobre a modernidade, Benjamin vai dizer que: “A modernidade deve estar sob o signo do suicídio (...)” Ele conclui explicando que; “Esse suicídio não é renúncia, mas paixão heroica.”¹¹ Mas ainda sim um suicídio. Benjamin deixa entender que com a vida moderna, sem muita expectativa, muitas vezes o suicídio é a melhor saída, ou mesmo a única. O suicídio não perpassa somente a ideia de desistência, mas nele existe um sentido de trocar a vontade passiva pelo heroico ativo, o suicídio nos dá a ideia de ação, quando nenhuma outra ação é possível ele surge como último recurso contra a impotência de fazer qualquer coisa. Indo além, Benjamin especifica que a classe que descobre no suicídio a solução é a classe dos trabalhadores, do povo, o mesmo considerado herói por Baudelaire. Kaváfis irá trabalhar também este conceito, mas com a já apresentada alegoria. Mais uma vez ele se dispõe de uma figura histórica do mundo helênico para ornar seu conceito, que difere do de Baudelaire em um pequeno ponto. No poema *A Batalha de Magnésia*, Kaváfis tem seu herói, Filipe da Macedônia, não precisa então mostrar grandeza no seu suicídio. Filipe não se suicida, não da forma habitual, de alguém que busca a própria morte, o rei macedônico se entrega; contra a impotência ele vai agir segundo a grandeza perdida. Se para o suicida, matar-se é a ação derradeira, para Filipe, não havendo escolha – desesperança – dancemos. Eis a ação de quem recorda a glória da antiguidade. Mais especificamente:

Filipe não cogita adiar a festa.
Sua vida se esgotou, mas ela ainda presta
para algo, pois não foi tolhido da memória.
Relembra triste a situação na Síria, inglória,
sua mãe na lama, a Macedônia, e aquela malta...
À festa, fâmulos! Trazei-me luz e flautas!¹²

O herói perdera a esperança e tripudia sobre sua desgraça. O povo, também descrente, entrega-se à morte. Mais presente ainda nesse poema é a marca de algo fadado, decadente, falido. O poema já começa de forma contundente quanto a isso: “*Nada restou do velho arroubo e valentia. / Do corpo adoecido e frágil carecia*”¹³ Nada resta ao herói, a pátria está já na lama.

10 *Ibidem*.

11 BENJAMIN, Walter, *A Modernidade e os Modernos*, Tradução: SILVA, Heidrun Krieger Mendes da; BRITO, Arlete de e JATOBÁ, Tânia - Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000. P. 11.

12 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 73.

13 *Ibidem*.

Retomando a metáfora de Andrômaca feita por Benjamin, de tristeza pelo passado, encontramos um ponto marcante na poesia de Kaváfis. Talvez pela natureza helênica de sua poesia haja uma tendência natural a essa temática, mas Kaváfis vai explorar isso de diversas maneiras. Uma delas está em *O Deus Abandona Antônio* onde vai deixar por um momento de lado a alegoria da antiguidade. Aqui podemos ver um conselho dado a si mesmo, mais uma vez a sintonia com a Europa e a literatura de Baudelaire, o esgrimista que tem a si por adversário. O poeta expressa uma vontade que luta para não crer na ruína. Afinal, caso contrário, não seria necessária a interpelação que faz: “ouve com emoção, mas não / com as súplicas e as queixas dos covardes, qual último deleite, os sons / os instrumentos requintados da turba oculta, / e despede-te dela, da Alexandria que perdes.”¹⁴ As últimas palavras são inequívocas, da Alexandria que perdes. Pode-se ver também uma nova forma de esgrima, na verdade uma incitação para não se entregar, o fim é inevitável, mas ainda não chegou. Há aqui uma incitação para que se aja como Filipe, em *A Batalha de Magnésia*¹⁵, sem se entregar, sem se arrepender, um senso de tamanha inevitabilidade que talvez, dentro do modernismo, somente um poeta helênico pudesse conceber. O poeta é o herói dentre o povo, mas não é como o povo. Ele não deve simplesmente recorrer ao suicídio, não deve considerar a luta uma coisa vã. O verdadeiro poeta, para ser como o herói da antiguidade precisa de algo mais, precisa dançar até o último instante a derradeira dança.

Voltando a Benjamin, ele não observa a cidade moderna, ele a vive, trafega por ela, sente seus cheiros e tange a sua aridez. Benjamin afirma:

*“Ele (o herói moderno) está predestinado à derrota e não precisa ressuscitar qualquer dos trágicos para apresentar tal necessidade. Mas a modernidade termina no momento em que conquista o seu direito. Só depois vai passar pela prova. E então se mostrará se ela própria tem possibilidade de transformar-se em antiguidade.”*¹⁶

Em *O Deus Abandona Antônio* vejo um apelo a si mesmo feito por Kaváfis para abandonar a antiguidade, tornando assim mais fácil a aceitação da falência. Quando diz que: “Como preparado há muito, como corajoso, / despede-te dela, da Alexandria que se vai embora. / Sobretudo não te enganes, não digas que foi / um sonho, que foram defraudados os

14 KAVÁFIS, Konstantinos, *Poemas e Prosas*, Tradução: MAGALHÃES, Joaquim Manuel e PRATSINIS, Nikos - Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994. P. 29.

15 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 73.

16 BENJAMIN, Walter, *A Modernidade e os Modernos*, Tradução: SILVA, Heidrun Krieger Mendes da; BRITO, Arlete de e JATOBÁ, Tânia - Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000. P. 15-16.

teus ouvidos; / tais esperanças vãs não te rebaixes a aceitar.”¹⁷ Kaváfis exorta-se a abandonar a antiguidade para tornar-se ela. Lutara como herói da antiguidade, mas é preciso abandoná-la, olhar para si mesmo, para vir a fazer parte desse panteão.

A modernidade relacionando-se com a antiguidade é um tema que vai ser extremamente explorado por Kaváfis. Benjamin não deixará isso passar em branco, discorrendo sobre essa acentuada interpenetração. Cita nomes como Charles Meryon e suas gravuras de Paris, e afirma que estas obras fascinaram Baudelaire e o lançaram ainda mais nessa ideia, de uma modernidade inteiramente relacionada à antiguidade. Benjamin diz: “Também em Meryon se interpenetram a antiguidade e a modernidade; também em Meryon aparece inconfundivelmente esta forma de entrelaçamento, a alegoria”¹⁸. É essa alegoria que Kaváfis vai utilizar em sua poética.

Essa interpenetração, apontada por Benjamin e praticada por Meryon e Baudelaire, aparece com extrema proeminência no poema *Troianos* de Kaváfis. Tendo sempre evidente a perspectiva da ruína. Há no poema um traço claro da relação feita pelo poeta da sua contemporaneidade com os clássicos da antiguidade. É marcante o apontamento da falência. Esse poema reflete ainda grande parte do que foi tratado até aqui, grande parte dos apontamentos de Benjamin sobre o trabalho poético de Baudelaire pode ser notado: o conceito de esgrima, de luta, de heroísmo, de suicídio e a certeza da derrota que é iminente. Vejamos:

*São nossos esforços, os dos infortunados;
são nossos esforços como os dos troianos.
Conseguimos um pouco; um pouco
levantamos a cabeça; e começamos
a ter coragem e boas esperanças.*

*Mas sempre surge alguma coisa que nos pára.
Aquiles junto do à nossa frente
surge e com grandes gritos assusta-nos. –*

*São nossos esforços como os dos troianos.
Cuidamos que mudaremos com resolução
e valor a contrariedade da sorte,
e estamos cá fora para lutar.*

*Mas quando vier o momento decisivo,
o nosso valor e a nossa resolução perdem-se;
a nossa alma fica alterada, paralisa;
e em redor das muralhas corremos
à procura de nos salvarmos pela fuga.*

*Porém a nossa queda é certa. Em cima,
nas muralhas já começou o pranto.*

17 KAVÁFIS, Konstantinos, *Poemas e Prosas*, Tradução: MAGALHÃES, Joaquim Manuel e PRATSINIS, Nikos - Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994. P. 29.

18 BENJAMIN, Walter, *A Modernidade e os Modernos*, Tradução: SILVA, Heidrun Krieger Mendes da; BRITO, Arlete de e JATOBÁ, Tânia - Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000. P. 21.

*Choram pelas memórias e os sentimentos dos nossos dias.
Amargamente choram por nós Príamo e Hécuba.*¹⁹

Kaváfis realiza aqui a epopeia de sua modernidade. Afirmando que nossa queda é certa ele fortifica a ideia de um poeta que está sintonizado com a sociedade moderna, um poeta que vive e percebe as pequenas indicações da falência vindoura, que destruirá e arrastará a cidade como um Aquiles que dizima as hostes troianas. Quando se utiliza da primeira pessoa do plural, acredito que Kaváfis não se refere a toda a sociedade moderna, mas aos heróis, os que verdadeiramente andam e vivem pelas cidades, ao poeta que chega a ter esperança, vã, mas ainda assim esperança de que se deve fazer alguma coisa. Mesmo que com sua percepção elevada ele saiba que não há como escapar do fim, afinal o pranto já começou; então o poeta/herói oscila entre lutar ou juntar-se a esse fim. É exatamente dessa dualidade que surge a sua angustiada existência do poeta da modernidade, capaz de enxergar com maior clareza. Em *O Douto... A Aproximação* Kaváfis nos mostra a sua concepção de que somente uns são capazes de enxergar, o que chama na poesia de “douto”. Mesmo que apenas os deuses sejam os donos do porvir, “Do vindouro, o douto presente / a aproximação. Horas a fio / de estudo circunspecto e, num átimo, um surto / na audição. Rumor de enigma / vem-lhe dos fenômenos, que o rondam.”²⁰ Esse douto, percebe, mesmo que com escassas sensações, o que os homens comuns nem ao menos vislumbram, afinal “Homens sabem o que ocorre.”²¹ Ou seja, do que ocorre no tempo presente, esclarece Kaváfis logo no primeiro verso desse poema.

Em *Sob o Signo de Saturno*²², Susan Sontag vai abordar as características do melancólico, usando-se especificamente de Benjamin para demonstrar o que seria, segundo o próprio Benjamin, o nascido sob a égide de saturno. Afirma dentre inúmeras outras características uma que nos será de grande importância para compreender Kaváfis: “O melancólico sempre se sente ameaçado pelo domínio do concreto, mas o gosto surrealista zomba destes temores. (...) O único prazer que o melancólico se permite, um prazer intenso, é a alegoria.”²³ Kaváfis se utiliza – talvez seguindo o exemplo dos antigos tragediógrafos – das alegorias para tratar de sua realidade. Com todo o peso da materialidade sobre si, com a vida dura que lhe foi reservada, mesmo na cidade de Alexandria, Kaváfis busca não unicamente

19 KAVÁFIS, Konstantinos, *Poemas e Prosas*, Tradução: MAGALHÃES, Joaquim Manuel e PRATSINIS, Nikos - Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994. P. 33.

20 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 63.

21 *Ibidem*.

22 SONTAG, Susan, *Sob o Signo de Saturno*, Tradução: CAPOVILLA, Ana Maria e POLI JR., Albino - Porto Alegre, L&PM Editores, 1986.

23 SONTAG, Susan, *Sob o Signo de Saturno*, Tradução: CAPOVILLA, Ana Maria e POLI JR., Albino - Porto Alegre, L&PM Editores, 1986. P. 96.

nos mitos, mas na história helênica uma forma de se aproximar do surrealista, fugindo, como uma forma de preservar a si mesmo, da sua realidade. A alegoria é a pedra chave para a sua poesia, presente mesmo nos poemas de que já tratamos anteriormente.

Podemos entender alegoria como uma forma de exemplificar certos pensamentos e percepções por meio de um símbolo. A alegoria é uma espécie de adorno, um ornamento que funciona como reflexo e ao mesmo tempo instrumento de reconhecimento. Criar ou mesmo tomar emprestado uma alegoria é como moldar fisicamente o que subjetivamente já está expresso na própria ideia. Kaváfis veste em sua poesia uma alegoria histórico-cultural helênica, retoma a experiência já consumada para garantir aceção das suas percepções. Para evidenciar ainda mais, vejamos mais alguns poemas, nos quais surgem mais alegorias, utilizando-se sempre do mundo helênico, mas tratando sempre dos temas já aqui referidos: da virtude melancólica, daquele que percebe a chegada do fim, e de uma sociedade fadada à falência.

Vejamos *Contrariedade de Selêucida*. Fala aqui Kaváfis de um Selêucida, Demétrio, e seu desgosto quanto à forma como um Ptolomeu chegou a Roma. Ptolomeu vem representando a nobreza alexandrina, descreve no poema: “Não olvidem que basileus ainda são, / que a denominação de reis ainda (!) lhes cabe.”²⁴ Demétrio confirma: seu incômodo é com a sua estirpe, de nobres descendentes de Alexandre. Mesmo sabendo que essa nobreza já não mais existe: “Bem sabe que, a seu bel-prazer, os põem (os romanos aos Ptolomeus) / e os depõem do trono.”²⁵ Mas Demétrio faz um apelo, um apelo desesperado do poeta para que: “(...) preservem no porte/ algo do magno garbo!”²⁶ Uma frustração de ver-se imerso em uma sociedade decadente. Demétrio manda as mais belas vestimentas, servos e cavalos; Kaváfis envia, como um último apelo, a sua obra, a sua ajuda a essa sociedade mendicante. No entanto Ptolomeu nega; assim como a sociedade nega o aviso fatídico do poeta. Kaváfis sente-se, como o melancólico de Sontag, negado pela modernidade, sente-se de forma natural como a um marginal, rejeitado pelos seus. Mas sob a alegoria de Demétrio, afirma a si mesmo como descendente também de reis. Ptolomeu o nega, “para bem suceder-se com a esmola.”²⁷ que será concedida pelos romanos. Vejo então uma identificação de si com Demétrio e uma alegoria de Ptolomeu com a sociedade moderna, mendicante, sem mais nenhum brio.

A sociedade falida sobre a qual fala Kaváfis será representada em mais uma de suas nuances em *Orofernes*. Mais especificamente sobre o homem que habita a cidade, sua

24 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 59.

25 *Ibidem*.

26 *Ibidem*.

27 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 59.

ganância por suntuosidades que o levará diretamente à queda e ao esquecimento. Mais uma vez se utilizando da alegoria, Kaváfis retrata com dissimulação - mais um traço aqui do melancólico de Sontag²⁸ - a trajetória de Orofernes. Como o Dândi de Baudelaire ele segue, sua bem-aventurança acontece com extrema facilidade: “Destaque pela formosura, pelo ideal, / entre a mocidade jônia, a mais garbosa. / Fizeram-no basileu,”²⁹ Bastou-lhe a pele para conquistar a todos, sua aparência o fez rei. Nota para a ironia clara que o poeta faz com sua contemporaneidade. Como o dândi, Orofernes empreita em nova busca por luxo e riqueza: “Foi quando passou a renovar, dia a dia, seu desfrute, / obcecado acumulador de ouro e prata, / por puro pavoneamento: / vislumbre do ofuscante acúmulo da fortuna!”³⁰ Mas Orofernes está fadado. O homem alegórico de Kaváfis não teve tempo de tomar nota sobre o peso da sua vaidade, caiu, mas agora não há mais volta, uma vez embriagado na ostentação, sua vida depende dela. O homem moderno de Kaváfis, o eterno dândi, tentará recuperar sua existência, mas agora ele já perdeu a importância, a sua existência tornara-se efêmera. “Em alguma página deve constar seu epílogo; / ou a história (sábua!) o suprimiu, / tão pouco afeita ao registro de insignificâncias.”³¹ E o homem da modernidade, afoito em suas superficialidades, apaga-se. Já não há o que oferecer sem os seus pueris encantos.

Por fim, em *Deslealdade*³² Kaváfis torna a tocar no mítico, como forma de representar o conceito já afirmado em sua poesia, o da vindoura e imutável falência. A epígrafe remetendo-nos à *República (II 383a-b)* de Platão é para mostrar que os fatos abordados não saem de sua boca apenas e, além disso, não saem mesmo somente da de Platão; este usa os versos de Ésquilo para mostrar o que não deve ser usado para educar os jovens, pois assim os tornaria distante dos deuses. Kaváfis fez o contrário ao trazer novamente à tona esses versos, ele quer mostrar o quanto fadada à destruição fora a antiguidade e usar isso como argumento contundente para mostrar o seu futuro: aconteceu uma vez, acontecerá novamente. Com esse argumento nos remete a uma leitura contemporânea do seu poema e de que também agora estariam fadados à falência, destruídos pelo mesmo deus que lhes declarara bons auspícios, um deus chamado modernidade.

Comparar Apolo à modernidade surge como uma amarga constatação, ambos nos são apresentados de forma esplendorosa. Apolo é o sol do Olimpo, a razão radiante que ilumina o coração e direciona a mente dos homens, guiando-os curiosamente através dos vaticínios

28 SONTAG, Susan, Sob o Signo de Saturno, Tradução: CAPOVILLA, Ana Maria e POLI JR., Albino - Porto Alegre, L&PM Editores, 1986.

29 KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano - Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007. P. 67.

30 *Ibidem*.

31 *Ibidem*.

32 *Ibidem*. P. 21.

oraculares. Nasce então o paradoxo apolíneo, sugerindo-nos o paradoxo - esse quase sempre bailando entre os versos kavafianos - da modernidade; marcada pelo pragmatismo tecnológico, a máquina inequívoca e a sustentação fidedigna do progresso, tudo isso guiado pela mais efêmera expectativa: o sonho humano da facilidade, da longevidade e bem-estar. Estes são anseios que se apresentam em trajes de gala, prontos para os festejos, mas são na verdade pautados em uma eterna crença, a da bem-aventurança, anseios tão incertos e belos como os apresentados por Kaváfis, no poema em questão, na profecia do deus efebo. Crença no fortuito da modernidade, que a frente pode – e vai, relevando-se no desfecho do poema – mostrar-se implacável ceifador da sociedade.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles, *Sobre a Modernidade*, Organização COELHO, Teixeira. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter, *A Modernidade e os Modernos*, Tradução: SILVA, Heidrun Krieger Mendes da;
- BRITO, Arlete de e JATOBÁ, Tânia. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000.
- KAVÁFIS, Konstantinos, *Konstantinos Kaváfis: 60 Poemas*, Tradução e Seleção: VIEIRA, Trajano. Cotia - SP, Ateliê Editorial, 2007.
- KAVÁFIS, Konstantinos, *Poemas e Prosas*, Tradução: MAGALHÃES, Joaquim Manuel e PRATSINIS, Nikos. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994.
- LIMA, Fernanda Lemos. *Entre quartos, ruas e cafés: a poesia homoerótica de K. P. Kaváfis*. Rio de Janeiro, Nonoar, 2007.
- SONTAG, Susan, *Sob o Signo de Saturno*, Tradução: CAPOVILLA, Ana Maria e POLI JR., Albino. Porto Alegre, L&PM Editores, 1986.